



ASSISTENTES EM ADMINISTRAÇÃO: TRABALHO, SOFRIMENTO E ADOECIMENTO DE SERVIDORES

ADMINISTRATIVE ASSISTANTS: WORK, SUFFERING AND SICKNESS OF SERVERS.

Thiago Loureiro¹

¹ Universidade Federal de São Carlos — SP/Brasil

Resumo: Este estudo versa sobre as vivências de prazer-sofrimento de assistentes em administração em uma Instituição Federal de Ensino Superior no estado de São Paulo que manifestaram algum tipo de adoecimento relacionado às atividades laborais. Trata-se de um estudo de caso com oito servidores ancorados no aporte teórico da Psicodinâmica do Trabalho. Destacaram-se a enxaqueca, distúrbios gastrointestinais, acometimentos de natureza dermatológica, distúrbios ansiogênicos, depressão e ganho de peso. Os servidores optaram pela remoção como uma alternativa de minimizar o sofrimento. Houve casos de melhora e houve também casos de agudização do sofrimento. Conclui-se que o sofrimento redundando em número significativo de casos em adoecimento e que a remoção não deve ser considerada como escape absoluto. O sofrimento, além de intrínseco ao trabalho, situa-se num contexto institucional que varia de acordo com possibilidades e limites que cada ambiente organizacional possa vir a subsidiar. Apesar de paliativa, a remoção enquanto instrumento institucional, não sobrepuja práticas e costumes amalgamados em tais instituições.

Palavras-chave: Trabalho; Sofrimento; Adoecimento; Assistentes em Administração; Remoção.

Abstract: This study deals with the experiences of pleasure-suffering of administrative assistants at a Federal Institution of Higher Education in the state of São Paulo, who have manifested some kind of sickness related to work activities. This is a case study with eight servers anchored in the

theoretical contribution of Psychodynamics of the Work. Migraine, gastrointestinal disorders, disorders of the dermatological nature, anxiogenic disorders, depression and weight gain were prominent. The servers opted for removal as an alternative to minimize suffering. There were cases of improvement and there were also cases of aggravation of suffering. It is concluded that the suffering results in a significant number of cases in sickness and that the removal should not be considered as an absolute escape. Suffering, besides being intrinsic to work, is situated in an institutional context that varies according to possibilities and limits that each organizational environment can subsidize. Although palliative, removal as an institutional instrument, does not surpass practices and customs amalgamated in such institutions.

Keywords: Work; Suffering; Sickness; Assistant in Administration; Removal.

Resumen: Este estudio versa sobre las vivencias de placer-sufrimiento de asistentes en administración en una Institución Federal de Enseñanza Superior en el estado de São Paulo que manifestaron algún tipo de enfermedad relacionada con las actividades laborales. Se trata de un estudio de caso con ocho servidores anclados en el aporte teórico de la Psicodinámica del Trabajo. Se destacaron la migraña, los disturbios gastrointestinales, las afecciones de naturaleza dermatológica, los disturbios ansiogénicos, la depresión y la ganancia de peso. Los servidores optar por la remoción como una alternativa para minimizar el sufrimiento. Hubo casos de mejora y hubo también casos de agudización del sufrimiento. Se concluye que el sufrimiento redunda en un número significativo de casos en enfermedad y que la remoción no debe ser considerada como escape absoluto. El sufrimiento, además de intrínseco al trabajo, se sitúa en un contexto institucional que varía de acuerdo con posibilidades y límites que cada ambiente organizacional pueda subvencionarse. A pesar de paliativa, la remoción como instrumento institucional, no sobrepasa prácticas y costumbres amalgamadas en tales instituciones.

Palavras chave: Trabalho; Sufrimento; Enfermedad; Asistentes em Administração; Remoción.

1 Introdução

O trabalho além de proporcionar ao indivíduo seu sustento material, revela também uma função psíquica na estrutura da constituição do sujeito e da sua rede de significados. Esta relação do trabalho com o homem constitui-se, portanto, como um fator de estruturação de seus processos de identidade e de subjetividade (DEJOURS, 1992; BARROS, 2012).

Em decorrência do possível descompasso entre as mudanças que tem permeado o mundo do trabalho e a capacidade do indivíduo ajustar-se à elas, notam-se incertezas e insatisfação com o modo de vida, desencadeando sentimentos como a ansiedade, a angústia, a frustração, a tristeza e o sofrimento. Esta dinâmica resulta em constante necessidade de adaptação do sujeito, a qual pode gerar alterações (físicas, psicológicas e emocionais) nos indivíduos como possíveis consequências (ALVES, 2008; MARTINS, 2008).

Segundo Mancebo (2007), do mesmo modo que assistimos aos novos contornos que abarcam o trabalho contemporâneo e carregam consigo uma produção maleável e individualizada, a valorização dos trabalhadores qualificados e polivalentes, a flexibilização da organização de trabalho, as alternâncias de horários e a precarização dos vínculos trabalhistas, também presenciamos a convocação irrestrita da subjetividade do trabalhador para esta nova dinâmica laboral, não raramente, com aumento do sofrimento subjetivo, neutralização da mobilização coletiva e intensificação do individualismo.

Torna-se importante pela perspectiva deste estudo, ressaltar a compreensão do trabalho como atividade humana fundamental, de caráter histórico. Consideramos o trabalho como atividade mediadora do desenvolvimento do ser social e de formas históricas de sociabilidade que são constitutivas da subjetividade (SILVA, 2012).

As mudanças que têm abarcado o mundo do trabalho reverberam nos modos como o trabalho se organiza, sobretudo nos processos de intensificação e de racionalização do trabalho. A dinâmica de acometimentos na saúde do trabalhador também tem mudado. Assim, a paulatina substituição ou adaptação do modelo taylorista-fordista por modelos, apresentados como orgânicos (MORGAN, 2005), têm fomentado transições de acometimentos do nível físico para o nível psíquico dos trabalhadores, com destaque para as doenças psicossomáticas, ainda que exista dificuldades em se estabelecer ou reconhecer o nexo causal destas novas caracterizações (BOUYER, 2015; MERLO e LÁPIS, 2007). No que tange à esfera pública, o contexto de trabalho que tem se instalado assemelha-se ao de empresas privadas, sobretudo posteriormente ao

período de Reforma Gerencial do Estado (ANTUNES, 2005; SILVA JÚNIOR, 2002). Neste sentido, as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) não estão imunes às prerrogativas propostas pelo modelo gerencial de administração. Engendra-se uma dinâmica pautada por princípios essencialmente econômicos, com destaque para critérios como a qualidade, a produtividade, a eficácia, a eficiência, a qualidade, entre outros elementos disseminados pelas ciências da gestão que, não raro, tergiversam questões que distanciam-se do *ethos* público.

Sob o aspecto científico, sobretudo, nas realidades laborais dos trabalhadores das IFES, existe uma predominância de estudos com os professores. Demais atores, como servidores técnico-administrativos, trabalhadores terceirizados e estagiários, ocupam uma posição marginal, quando não, anônimas. Face a esta lacuna científica, este estudo buscou dar vozes aos assistentes em administração de uma IFES situada no Sudeste brasileiro. Considerou-se a perspectiva da reconfiguração das IFES (pós Reforma Gerencial do Estado) que fomentou mudanças nas condições e na organização do trabalho dos diferentes atores presentes nesta arena. Privilegiou-se as vivências de prazer-sofrimento de servidores assistentes em administração, com destaque para o sofrimento patogênico e consequente adoecimento psicossomático destes sujeitos. Para a consecução do objetivo (analisar as vivências de prazer-sofrimento dos servidores sob a ótica da psicodinâmica do trabalho e, quais se desdobraram em adoecimento), ressaltamos o conceito dejouriano de carga psíquica (DEJOURS, 1994; MORRONE, 2001).

2 A Psicodinâmica do Trabalho: breves considerações

Na década de 1980, uma nova abordagem da Psicopatologia do Trabalho emergiu, a Psicodinâmica do Trabalho (RAMMINGER et al, 2013). Liderada pelo médico psiquiatra e psicanalista Christophe Dejours, a Psicodinâmica do Trabalho analisa a interação do trabalhador com os possíveis impactos advindos de seu ambiente laboral, contribuindo com inovações para a área por sua investigação no chamado campo infra ou pré-patológico, sem a necessidade de constatação da doença mental caracterizada (DEJOURS, 1992). Esta linha evidencia que os trabalhadores não se revelavam passivos frente aos constrangimentos organizacionais, pois podem desenvolver sistemas defensivos¹ coletivos como forma de proteção aos riscos de adoecimentos (DEJOURS, 1992; MORAES, 2013; RAMMINGER et al, 2013). “O foco, portanto, deixa de ser a busca de detecção das doenças mentais ocasionadas pelo trabalho e passa a ser o sofrimento e as defesas contra o sofrimento no trabalho, ou ainda, a normalidade e não a doença mental” (RAMMINGER et al. 2013. p. 3194-3195).

O prazer e o sofrimento são sentimentos que estão presentes nos ambientes organizacionais e, apesar da ubiquidade, manifestam-se de maneiras particulares em cada indivíduo. Muitas vezes pode haver divergências entre as expectativas dos trabalhadores (formadas por sua história pessoal e seus valores, crenças, motivações e anseios) e os objetivos e metas organizacionais. Este hiato entre o prescrito e o real do trabalho é o que Dejours (1992) chama de ressonância simbólica². O reconhecimento, tanto da utilidade (hierarquia), como da beleza (pares), é o elemento intrinsecamente ligado ao par prazer-sofrimento.

A mobilização subjetiva³ é a forma de se lidar com o sofrimento (inerente do trabalho) buscando ressignificá-lo em vez de negá-lo ou minimizá-lo (BATISTA e FACAS, 2012). Segundo Dejours e Jayet (1994), a mobilização subjetiva se caracteriza pelo uso dos recursos psicológicos do trabalhador e, também, pelo espaço público de discussões acerca do trabalho. Assim, a mobilização subjetiva é um processo de busca de prazer, na medida em que o trabalhador busca transformar as situações geradoras de sofrimento em situações que viabilizem o prazer (FREITAS, 2006; BATISTA e FACAS, 2012).

Para a concepção dejouriana, o trabalho é isento de neutralidade, na medida em que tem impacto na saúde, seja pelo prazer e realização social ou, ao contrário, pelo sofrimento ou mesmo pelo constrangimento patogênico que pode levar o indivíduo à descompensação (MARTINS, 2008). Este sofrimento de natureza mental inicia-se quando no ambiente laboral o homem já não pode fazer nenhuma modificação na sua tarefa, de modo a tentar torná-la mais próxima de suas necessidades fisiológicas e de seus desejos psicológicos. Desta maneira, a relação homem-trabalho é bloqueada (DEJOURS, 1992).

Por fim, a centralidade do trabalho no mundo contemporâneo faz com que este seja fundamental na construção da identidade do homem e na sua saúde. Assim, o sofrimento torna-se inevitável, pois coloca o indivíduo em uma situação inesperada, podendo desencadear a sensação de fracasso e impotência. Entretanto, nesta dinâmica, o sofrimento pode seguir dois possíveis caminhos: o sofrimento criativo, no qual o sujeito consegue buscar, por meio de sua inventividade ou criatividade, o prazer; ou quando inercializado pelas impossibilidades de mudança, o sofrimento patogênico, que resulta em frustração e adoecimento (DEJOURS e ABDOUCHELI, 1994; TSCHIEDEL e MONTEIRO, 2013). Neste estudo, priorizou-se o sofrimento patogênico, isto é, o sofrimento viabilizado pelo trabalho que, esgotadas as possibilidades de ressignificação pelo sujeito trabalhador, transitou para o nível patológico. Para tanto, apresentar-se-á a seguir, o conceito de carga psíquica coadunado ao trabalho dos servidores em questão.

3 O sofrimento patogênico e o trabalho dos assistentes em administração

Nas Instituições Públicas de Ensino Superior (IFES), conforme aponta Ribeiro (2012), há uma mescla entre o modelo gerencialista e o modelo pautado pela burocracia, em coexistência com elementos históricos das instituições brasileiras, como o clientelismo e o patrimonialismo. Nunes e Lins (2009) apontam a burocracia no serviço público federal como um dos principais elementos responsáveis pelo sofrimento, já que reduz a autonomia e engessa a criatividade dos servidores.

Adicionalmente, outros fatores têm contribuído para a desvalorização e sofrimento do servidor, tais como: a intensificação do trabalho, a flexibilização e a precarização das tarefas, o alongamento da jornada, as exigências e cobranças por resultados e outros. Como possível consequência, muitos (técnicos administrativos das IFES) podem ser levados ao sofrimento, que pode evoluir para uma perda de sentido e adoecimento (FIGUEIREDO e ALEVATO 2012). Ribeiro (2012) complementa que esse sofrimento também está relacionado a fatores como a discriminação e a baixa qualificação em alguns cargos dessa categoria, o que está em contraste com a missão dessas organizações, de promover a qualificação em nível superior.

Destacamos que a intensificação e a precarização no trabalho dos servidores da educação superior pública relacionam-se com questões que, muitas vezes, ultrapassam a realidade e a autonomia das IFES. Programas de reestruturação e ampliação do ensino superior público são exemplos que contemplam esta questão. Entretanto, sejam por fatores externos às IFES ou fatores internos relacionados ao seu contexto organizacional, as vivências de sofrimento envolvendo servidores dessas IFES devem ser estudados.

Neste estudo observou-se que o principal estímulo para o ingresso dos servidores na carreira pública foram a estabilidade empregatícia e a remuneração. Todavia, embora tal estímulo fomente possíveis vivências de prazer aos servidores, paradoxalmente, pode configurar-se como um engodo, já que, não raro, os servidores na busca desenfreada pela segurança, não ponderam as possíveis incongruências que podem vir a vivenciar em tais ocupações. Atualmente é comum verificar pessoal com elevada qualificação pleitear ou ingressar em cargos públicos que solicitam nível médio ou fundamental. Paradoxo engendrado, segundo a visão deste estudo, pelo atual cenário de incertezas que permeia o mundo do trabalho.

No que tange as mudanças que tem pautado a arena das IFES em geral (SILVA JÚNIOR, 2002; MANCEBO, 2007; RIBEIRO, 2011) e, da IFES estudada em particular, observa-se a intensificação no trabalho para as diferentes categorias profissionais que a compõem. Este cenário reverbera nas instâncias subjetiva e objetiva dos trabalhadores e, no caso dos assistentes em administração, fomentam possíveis situações e relações conflituosas (com chefias, pares, clientela, etc.), falta de autonomia na realização das tarefas, tornando o trabalho desprovido de sentido para quem o realiza. Quando o trabalhador depara-se com uma organização de trabalho que desconsidera suas características prévias e, ao tentar subverter este “jogo” por meio de sua subjetividade, conhecimentos tácitos, capital social ou mesmo, por meio da trapaça (SILVA e HELOANI, 2013), isenta do sentido doloso, pode defrontar-se com o insucesso e viabilizar assim, a carga psíquica⁴ (DEJOURS, 1992; MORRONE, 2001) que, involuntariamente, acaba por ser canalizada para sua mente e/ou corpo. Assim, este estudo abordou o sofrimento de servidores assistentes em administração e sua transmutação para possíveis acometimentos patológicos. Os resultados encontrados e sua discussão serão percorridos na sequência deste estudo. Antes porém, apresenta-se o método utilizado.

4 Método

O ser humano é o objeto principal de investigação deste estudo. Partindo desta premissa, procurou-se uma metodologia que permitisse considerar os aspectos subjetivos presentes na sua relação com o trabalho dos servidores. Outra consideração importante deste trabalho é o seu foco da relação do labor com a saúde do trabalhador. Minayo (2010) revela que a pesquisa qualitativa trabalha valores, desejos, motivos e atitudes que constituem a realidade social, sob a visão dos atores e das relações. O autor complementa dizendo que a pesquisa qualitativa traz à tona aspectos da realidade que extrapolam a quantificação. Assim, optou-se por um estudo de caso na busca da descrição e análise das vivências de prazer e sofrimento dos servidores técnico-administrativos ocupantes do cargo de assistente em administração de um IFES localizada no estado de São Paulo que já passaram pelo processo de remoção. De acordo com Yin (2010), o estudo de caso consiste em uma estratégia de pesquisa que busca examinar um fenômeno contemporâneo, inserido em algum contexto da vida real, referindo-se ao presente. Portanto, o método adotado neste estudo não compreende o método clínico da Psicodinâmica do Trabalho, mas proposições teóricas desta vertente associadas ao estudo de caso, estratégia já consolidada por outros pesquisadores, sobretudo no Brasil, conforme apontam Merlo e Mendes (2009).

Análises relativas à Psicodinâmica do Trabalho buscam compreender os aspectos psíquicos e subjetivos mobilizados pelas relações na organização do trabalho (SILVA e HELOANI, 2007). Assim, buscou-se uma abordagem interpretativa das situações de trabalho que engendraram o sofrimento e o consequente adoecimento dos servidores em questão.

Os dados foram coletados por meio de dois instrumentos: um questionário sócio-demográfico para a caracterização dos entrevistados e possível triagem cujo critério contemplasse a remoção dos servidores associada a possíveis vivências de sofrimento; e entrevistas semiestruturadas com questões que abordassem temas como a autonomia do servidor, seu relacionamento com os supervisores e com os pares, sua rotina de trabalho, a presença/ausência de reconhecimento, sua satisfação/insatisfação no trabalho, o principal motivo que o levou a solicitar a remoção e a comparação entre os diferentes setores de atuação (aspectos do par prazer-sofrimento) e, possíveis adoecimentos relacionados às vivências laborais.

Foram fornecidas aos participantes informações acerca do objetivo e do caráter acadêmico da pesquisa, assim como um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apresentado em duas vias, sendo que uma delas permaneceu com o participante e a outra arquivada pelo pesquisador. Os dados foram coletados pelo pesquisador entre fevereiro e abril de 2015. As entrevistas com cada servidor foram gravadas e tiveram um tempo médio de uma hora e trinta minutos.

Ao optar por trabalhar com seres humanos, esta pesquisa considerou todos os aspectos éticos e legais contemplados na Resolução 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa foi submetida e apreciada pela Plataforma Brasil e pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos, com o parecer consubstanciado nº 874.221 em 8 de dezembro de 2014.

A análise dos dados coletados foram analisados por meio da análise de conteúdo categorial temática (BARDIN, 2008). Logo após a realização de cada entrevista, os dados foram transcritos para um editor de textos e realizada a leitura flutuante. Em seguida foram realizadas sistematizações preliminares de seus conteúdos e indicações de algumas categorias analíticas, com destaque, neste estudo, para o adoecimento psicossomático dos servidores.

À priori, o número efetivo total de participantes da pesquisa não foi definido, pois em estudos na área (MARTINS, 2008; MINAYO, 2010), a coleta permanece até o momento em que houver convergências suficientes para configurar o fenômeno investigado. O dimensionamento

da quantidade de entrevistas deve seguir o critério de saturação que é entendido por Minayo (2010) como: “[...] o conhecimento formado pelo pesquisador, no campo, de que conseguiu compreender a lógica interna do grupo ou da coletividade em estudo” (MINAYO, 2010, p. 197-198). Assim, o número de participantes dessa pesquisa foram oito servidores, dos quais, três homens e cinco mulheres, com idades entre vinte e oito e cinquenta e sete anos.

5 Resultados e Discussão

O referencial dejouriano sustenta que o sofrimento no trabalho não é passível de quantificação, apresentando-se como um fenômeno de natureza qualitativa. Quando uma atividade laboral não pode ser alterada pelo engajamento do trabalhador, emerge a carga psíquica, viabilizando o sofrimento e seus possíveis desdobramentos. Além disso, esses sentimentos perpassam diferentes significados, pois cada sujeito é portador de uma visão de mundo derivada de sua história pessoal, familiar, social e do trabalho.

Revelam-se neste estudo, sentimentos de sofrimento vivenciados por esses profissionais em que destacamos questões relacionadas ao cotidiano laboral dos mesmos. Algumas destas questões foram abordadas em outras pesquisas como o estigma do servidor público (RIBEIRO, 2011), o levar os pensamentos do trabalho para a casa que corrobora a perspectiva da abstração de tempo e lugar no que tange o trabalho contemporâneo (GAULEJAC, 2007), a intensificação no trabalho dos servidores (NUNES e LINS, 2009; RIBEIRO, 2011) e, por fim, a invisibilidade das atividades intermediárias exercidas pelos assistentes em administração relegadas ao contexto marginal quando comparadas às atividades de maior prestígio na instituição, exercidas, sobretudo, pelos servidores docentes (RIBEIRO, 2011). Outras questões, na perspectiva do par antitético prazer-sofrimento de servidores assistentes em administração, ainda não contemplava a literatura em Psicodinâmica do Trabalho, como a mudança contínua de chefias com diferentes estilos de liderança mais alinhados a um ou outro modelo de gestão, as condutas patrimonialistas e, a influência política, inerentes ao escopo de instituições públicas.

Apontou-se na seção teórica deste estudo que o trabalho exercido numa organização rígida e que impossibilite vias de mobilização do trabalhador, contribui para o aumento da carga psíquica nesse trabalhador. Cada indivíduo possui vias preferenciais (involuntárias) de descarga. Enquanto alguns possuem a saúde mental acometida; outros exteriorizam esta descarga para o corpo, são as chamadas somatizações.

Neste estudo, as principais manifestações corpóreas relacionadas à carga psíquica derivada do labor foram: a enxaqueca; problemas gastrointestinais; o ganho de peso; e os problemas de natureza emocional com implicação dermatológica. Houve também, relatos que expressam acometimentos mentais como a insônia, a ansiedade e a depressão. Oito sujeitos foram entrevistados e, destes, seis explicitaram acometimentos na saúde, derivadas de questões relacionadas ao labor. Abaixo, destacamos relatos emblemáticos dos servidores em questão. Os relatos são indicados por códigos, assim, S1 indica o servidor 1, S2 o servidor 2 e assim sucessivamente. Para assegurar o anonimato dos entrevistados, quando houver a presença de nomes nos relatos, indica-se que são pseudônimos.

A servidora S2 relatou problemas de natureza gastrintestinal, sobretudo por conflitos interpessoais com a chefia em período de estágio probatório:

Eu recentemente descobri que eu estava com uma gastrite, principalmente pelo trabalho. Depois que eu comecei a trabalhar no serviço público eu comecei a ter problemas. Com os mesmos hábitos alimentares, o médico disse: “você precisa olhar outras questões emocionais, como o estresse” [...]. Desenvolvi estratégias, de dissociar o trabalho da minha vida pessoal, de querer resolver tudo; enfim, no começo eu fui resistente, mas depois estas coisas fizeram sentido. Eu fazia tudo o que eu podia e o que eu não podia, e me desgastei muito. Eu fiquei oito anos sentindo dor diariamente e foi aumentando. Tratei com medicação — iniciou quando eu estava no meu antigo setor —; até começou antes, na prefeitura. Mas lá no meu antigo setor (universidade) eu tive uma divergência interpessoal, justo nos três anos de estágio probatório com o chefe, uma pessoa com atitudes muito difíceis de lidar. Esta impressão não era só minha. Outros colegas saíram por causa desta pessoa; era meu chefe imediato, lidava diariamente, tive conflito. Em um determinado momento, ele faltou com respeito a mim, aí fui conversar pessoalmente com ele. Falei o que eu queria e ele disse que eu exagerava (S2).

Ao abordar as injustiças sociais e a violência, Dejours (1999) referencia a “banalização do mal” no sistema produtivo contemporâneo, sobretudo, de cunho neoliberal. Trata-se da sociedade em geral (“pessoas de bem”) que agem guiadas por princípios organizacionais em detrimento do sujeito social (CANIATO e LIMA, 2008). Dejours (1999) revela que tal contexto causa um amortecimento à empatia ou à percepção do sofrimento alheio, tornando o indivíduo “imunizado” contra quaisquer comoções e reações frente ao sofrimento do outro. Além desta insensibilidade, indivíduos agem a favor desse sofrimento (camuflando qualquer sentimento de fraqueza) e passam a não mais enxergar a fragilidade do outro. Para Dejours (1999), delimitar as fronteiras em

relação às vítimas do sistema é um bom meio de negar o nosso medo e livrar a nossa consciência da responsabilidade para com os outros. O cenário atual de trabalho em diferentes setores fomenta a participação e o consentimento das pessoas em relação às várias formas de exclusão e injustiças sociais, produtos do modo de produção da sociedade contemporânea. Ainda, para o autor, observa-se do lado do trabalhador vivências de situações imbricadas com a instabilidade mercadológica e o medo da exclusão (DEJOURS, 1999).

Acometimentos na pele foram apontados por dois servidores. O servidor S3 apontou que tinha dermatite seborreica e que o quadro era acentuado durante o período que atuou em seu setor inicial na instituição, onde trabalhou mais de seis anos. Em seu novo setor de trabalho, aponta melhoras significativas no quadro.

Eu melhorei, esta questão da minha dermatite seborreica diminuiu muito; o estresse foi praticamente a zero porque não tinha mais nenhum problema. [...] Agora lá no meu antigo setor era direto, nunca apresentava melhoras (S3).

Dejours (1991) compreende o fenômeno psicossomático como relacionado à formação do sintoma a conflitos inconscientes que são mobilizados na doença. O sujeito permanece desconhecido de sua própria violência e busca preservar a aparente normalidade do vínculo social. Assim, esta violência, ao invés de interpelada é dirigida inconscientemente ao próprio sujeito e revela-se na forma de somatização. O autor denomina as somatizações em que a violência é reprimida maciçamente, como somatizações simbolizadoras. A doença psicossomática apresenta-se como uma forma de adaptação do sujeito despersonalizado (DEJOURS, 1991).

S4 apontou a disidrose como um indicador de sua elevação de estresse. Além do acometimento dermatológico, o servidor apontou também problemas estomacais e a enxaqueca:

Eu confesso que eu sou um indivíduo com tendência à ansiedade; então, eu já somatizava e vou continuar somatizando até eu achar um bom terapeuta. Mas é evidente que o trabalho tinha bastante influencia nisto. O estresse no ambiente de trabalho era frequente, então eu tinha mais enxaqueca, particularmente em períodos estressantes, crise estomacal e sobretudo, que eu sabia, que eu estava estressado, a disidrose, uns bolsões de líquido nas extremidades, principalmente nos dedos, um sintoma clássico de estresse, no meu caso! E era "batata": subia o estresse, aparecia nos dedos da mão, no pé e, agora, eu não tenho há tempos (S4).

A inflexibilidade na organização do trabalho cerceia o espaço para a espontaneidade, situação que acarreta em uma desorganização na

estrutura de defesa e viabiliza o surgimento de doenças de ordem somática. Assim, a somatização aparece como resposta ao sofrimento do trabalho e serve como forma de mascarar o sofrimento mental. Para Dejours (1991) a crise somática ocorre no âmbito relacional (intersubjetivo), quando esta relação coloca o sujeito num impasse psíquico que, é devido ao sujeito, mas também é devido ao outro. Entre as linhas de fundamentação da Psicodinâmica do Trabalho, destaca-se, no caso da doença psicossomática, a linha psicanalítica que encontra como uma possível justificativa, o prejuízo ao funcionamento pré-consciente (DEJOURS, 1991).

Dejours (1992. p.157) aponta que

“[...] nesse jogo entre pré-consciente e inconsciente é que se negociam as relações de prazer, de sofrimento, de desejo e de saúde mental e até de saúde física, se nos referirmos também à psicossomática”.

A enxaqueca, neste caso, diagnosticada e associada à questões emocionais, está presente no relato de uma servidora, assim como um refluxo gastroesofágico. O caso de S7 envolve uma redistribuição de outra IFES, pretérita portanto à instituição atual, onde ocorreu a pesquisa em questão. Ademais, a servidora S7, após a sua entrada na instituição atual, removeu-se em uma oportunidade. O relato da servidora está associado a um problema que parece se cronificar nas IFES, sobretudo após o período da Reforma Gerencial do Estado. Trata-se da intensificação no trabalho.

[...] eu desenvolvi uma enxaqueca crônica que já estava se tornando insuportável; assim que eu cheguei aqui, as crises diminuíram muito. Minha dor de cabeça foi passando e com o tempo foi melhorando. Eu tomava remédios muito fortes para a enxaqueca, e hoje eu não tomo mais nada, somente analgésicos convencionais. [...] A universidade cresceu muito, abriu outros *campus* e isso aumentou demais a nossa demanda, só que os servidores não aumentaram. Era sobre-humano! [...] O que eu adquiri foi um refluxo, ácido que volta. E o médico “gastro” me disse que é emocional este caso (S7).

Dejours (1999) revela que o real do trabalho não corresponde ao prescrito. Assim, S7 avisava a chefia que a carga de trabalho vinha aumentando e era ignorada. Aquele, na posição de avaliador do trabalho (chefia), não é capaz de identificar o real do trabalho vivenciado pela servidora. A avaliação do trabalho tem consequências perniciosas para a saúde do trabalhador, sobretudo, no contexto de enxugamento de pessoal e intensificação do trabalho (DEJOURS, 1999). A boa avaliação consiste em escutar pessoas falarem de coisas que os próprios gestores desconhecem.

A ruptura de um só vínculo, aquele que liga o sujeito ao julgamento do outro, caracteriza o que Sigaut (1990, apud DEJOURS, 1999) denomina de alienação social. O fato de que, mesmo que o sujeito mantenha com o real um vínculo de veracidade, ao ser recusado pelo julgamento dos outros (neste caso, a chefia e, subestimada pelo marido — relato abaixo), se vê relegado a uma situação escabrosa no plano psicológico. Para o sujeito desacreditado pelos outros, emerge o risco de perder suas referências, oscilar e cair em uma patologia mental; se sozinho contra os outros, ele vier a manter a sua convicção, ele será ameaçado pela auto-referência e pela paranoia; se acabar por colocar em dúvida suas próprias convicções corre o risco de questionar seus conhecimentos e competências, até mesmo sua própria pessoa e, passa a se aproximar da depressão (DEJOURS, 1999)⁵.

Mesmo na minha casa, viu, por exemplo. Então você se sente um pouco rebaixada, até mesmo por pessoas próximas — às vezes eu chego para o meu marido e falo: “ai hoje eu estou cansada”; então ele diz: “*Do que?*” (gargalhada). Ai, meu Deus, eu acho que eu trabalhei mais que ele alguns dias e ele ironiza. Isso é muito ruim (S7).

E, relacionado a possíveis conflitos interpessoais, a servidora S8 revela transtornos de ansiedade, angústia, tristeza e até um possível quadro depressivo (não diagnosticado). Tais vivências se desdobram em frequentes dores de cabeça e no ganho de peso da servidora. Ainda, segundo S8, o período de estágio probatório contribuiu para a possível intensificação do quadro:

Eu ganhei muito peso, eu tinha frequentes dores de cabeça, eu chegava em casa sempre, sempre aos choros, porque eu não suportava saber que eu tinha que voltar no dia seguinte. E vou ser sincera contigo: eu não gosto daquela pessoa, eu sinto muita raiva dele não gosto dele! Ficou muita mágoa pela falta de respeito. E eu nunca havia passado por aquilo. Eu acho que eu fiquei depressiva. Tudo o que acontecia, o que falavam, eu achava que era minha culpa. Hoje eu sinto que tudo mudou, e outra: hoje, se eu sentir algo errado, eu me defendo porque eu não estou mais em estágio probatório. Porque, se for preciso, que me removam para onde for na universidade, porque hoje eu sou estável (S8).

Ao abordar a doença mental no trabalho, Dejours (1992) revela que deve-se considerar três componentes da relação homem-organização do trabalho:

1. A fadiga, responsável pela perda de versatilidade do aparelho mental;
2. O sistema frustração-agressividade reativa, que impede a saída de parte importante da energia pulsional; e,

3. A organização do trabalho, como elo de transmissão de uma vontade externa, a qual se opõe aos investimentos das pulsões às sublimações.

Assim, a perniciosidade crônica de uma vida mental bloqueada pela organização do trabalho, reverbera em descompensações psiconeuróticas. O caso de S8 revela o acometimento mental (provável quadro depressivo e de autoculpabilização) como decorrente do hiato entre as exigências organizacionais (trabalho prescrito) e a impossibilidade efetiva de realizá-lo (trabalho real) face à ingerência de um subordinado e à falta de apoio da gestão.

Outra queixa presente em outros dois relatos não é uma somatização propriamente dita, embora seja um transtorno também comumente relacionado a acometimentos psíquicos, como a preocupação ou a ansiedade. Trata-se da insônia:

[...] Eu tomava 90 gotas de Rivotril por dia. Eu não dormia! (S1)
[...] Estou tomando medicação, inclusive. Tive insônia também. (S8)

A perspectiva dejouriana considera três formas de ansiedade. Uma delas relativa à degradação do funcionamento mental e do equilíbrio psicoafetivo, resultante da desestruturação das relações psico-afetivas espontâneas com colegas de trabalho, de seu prejuízo pela discriminação e suspeita, ou de sua implicação forçada nas relações de agressividade com a hierarquia (DEJOURS, 1992). Os casos de S1 e de S8 provavelmente se enquadram neste perfil. Outra forma de ansiedade é a relativa à degradação do organismo, sobremaneira em seu nível físico, associada às más condições⁶ de trabalho. Por fim, Dejours (1992) indica a ansiedade gerada pela “disciplina da fome”, também conhecida como ansiedade da morte observada no subproletariado.

E, por fim, um aspecto relevante que emergiu na pesquisa foram vivências no trabalho de caráter ansiogênico, que, em alguns casos, evoluíram para um quadro de adoecimento psíquico (embora careçam melhor elucidação), conforme apontam os depoimentos seguintes:

Tanto que durante as minhas férias, por exemplo, outra chefe assumiu; voltei antes de terminar as minhas férias para ajudar esta nova chefe que estava assumindo, e o que aconteceu? Eu acordava de hora em hora. Eu não dormi do domingo para a segunda, porque eu sabia que eu iria voltar a trabalhar lá no meu setor. Eu fui acompanhando e olhando no relógio, de hora em hora, e hoje eu sei que havia desespero de voltar para o trabalho no qual eu estava sofrendo. Apesar de tudo, esta chefe entendia esta questão, mas quando virou um problema real — que os problemas da secretaria estavam se acumulando, que ela estava recebendo muitas

reclamações —, eu fui até a minha sala, escrevi a senha do meu computador num papel e entreguei a ela e falei “Toma Professora, estou indo embora.” E fui! Ela ficou me chamando, mas eu não tinha como voltar, estava tremendo de nervoso, estava chorando de angústia de estar lá dentro e de nunca dar certo, nunca resolver — era sempre a secretaria do setor. Esta era muito mais importante que o funcionário, tinha que funcionar, não importa de que jeito. Não tinha nenhum valor pessoal — não existia um Paulo, existia um servidor! (S3).

O relato de S3 enseja uma dinâmica de trabalho caracterizada pelo esvaziamento de sentido. Elementos engendrados por uma organização que priorize aspectos pragmáticos (foco, sobretudo, em resultados) solapa a possibilidade da compreensão e identificação deste trabalho para quem o realiza, culminando em sofrimento e posterior adoecimento. O servidor S3 não possuía mais o sentimento de pertencimento àquele setor, tampouco autonomia em suas atividades, dada a falta de sensibilidade hierárquica para consigo. Elementos comuns às IFES como a intensificação e a precarização do trabalho, produtos do gerencialismo (SILVA, 2012) contribuem para o esvaziamento do sentido do trabalho.

Eu achava que fosse uma repulsa que eu tinha de lá (meu antigo setor), mas, então, em janeiro deste ano, eu precisei passar por uma consulta em um posto de saúde. Então descobri que o nome do profissional era Joaquim; e, então, pensei: “Será que é o mesmo Joaquim do meu antigo setor?” Eu comecei a passar mal, sensação ruim, eu fui até o banheiro, pensei que fosse diarreia, suando frio, só de imaginar o nome do cara, aquela angustia de ficar na minha cabeça, pensando se era ou se não era. Por telefone eu fui falando com a minha esposa: “Tô com vontade de ir ao banheiro de novo, preciso ir embora, não vai dar pra eu ficar”. Então, minha esposa disse para eu esperar que ela estava vindo para o posto de saúde. Aí ela veio, e ela falou que eu estava com a boca branca, pálido, tremendo, e aí, quando ela estava lá foi que eu pensei em ir ao atendimento e perguntar o nome completo do profissional que iria me atender; quando eles me falaram o nome completo, eu me senti melhor, pois não era o mesmo cara! (S3).

Diante do sofrimento e esgotadas as possibilidades de mobilização subjetiva, o sujeito busca alternativas para suportar este sofrimento. O indivíduo então, se protege para “aguentar” o sofrimento, por meio das chamadas estratégias de defesa que funcionam como uma proteção ao psiquismo, o que torna possível aos trabalhadores se manterem no plano da normalidade a fim de continuarem trabalhando (MORAES, 2013). Para Mendes (2007, p.37), o patológico implica falhas no modo de enfrentamento do sofrimento e instala-se quando os desejos da organização do trabalho vencem o desejo dos sujeitos trabalhadores. Ou

seja, quando essas estratégias de defesa falham ocorre o adoecimento (BATISTA e FACAS, 2009; MORAES, 2013).

Quando eu estava no meu emprego anterior à universidade, eu fui elogiada por chefes de fora e de dentro; e aqui, eu ficar nesta situação de precisar ficar provando quem eu sou; era muito sofrido. E aí eu ficava descontando nas pessoas da minha casa, nos meus pais, no meu marido, no meu irmão. Eu estava sempre, sempre, sempre negativa. Agora (após a remoção) mudou muito. Tive insônia também. Parei a academia. Deixei o lazer. Era uma tortura chegar e era uma tortura quando estava acabando! A sensação maior era chegar na rotatória e pensar que tinha que entrar (S8).

Segundo a perspectiva dejouriana (DEJOURS, 1999. p.98), a identidade é a “armadura da saúde mental” — ela não está jamais definitivamente estabilizada e permanece incerta, incompleta. A maioria dos sujeitos não pode ter identidade unicamente por si mesmos. Assim, os sujeitos requerem a necessidade de confirmação por intermédio do outro e, o envolvimento no trabalho pode, por conseguinte, ser um mediador insubstituível na estabilização e na ampliação da identidade dos sujeitos (GERNET e DEJOURS, 2011). Por meio do trabalho é possível estabelecer relações de pertencimento, de coletivo, de cooperação que contribuem para manter a identidade (DEJOURS, 1999).

A relação entre trabalho e identidade é mediada por outrem na gramática do julgamento de reconhecimento. Julgamento, nas formas de beleza e de utilidade (BENDASSOLLI, 2012). De acordo com Dejours (1992), quando há o reconhecimento pelos pares e hierarquia organizacional da capacidade criativa do trabalhador e do seu trabalho real, que se materializa em um agir para além da tarefa prescrita, o sofrimento pode se transmutar em prazer. Mas, quando o jogo de poder cria impedimentos ao agir criativo e ao reconhecimento das capacidades do trabalhador, o sofrimento tende a se cristalizar em uma forma patogênica e anti-produtiva (LIMA, 2012). Ademais, a validação do trabalho por meio do reconhecimento conferido pelo outro contribui para a edificação do sentido no trabalho. A partir do reconhecimento o sofrimento pode adquirir uma significação social, enquanto que, na ausência deste, a dúvida quanto à relação mantida com o real por intermédio do trabalho pode emergir. E, quando essa dúvida se instala, como a identidade pode ser desestabilizada (GERNET e DEJOURS, 2011).

Diante dos relatos apontados, consideramos o possível efeito ansiogênico que o trabalho pode vir a acarretar nos trabalhadores. Conforme descrito em seção anterior neste estudo que trata da carga psíquica, cada sujeito possui vias involuntárias de descarga, de modo que alguns manifestam sinais ou sintomas no nível psíquico, enquanto outros

canalizam as tensões em seus corpos. Há sujeitos, a depender da organização do trabalho, que conseguem mobilizar suas capacidades subjetivas e transmutar o sofrimento para a criatividade e, assim reverberar em prazer. Outros, ao contrário, podem engolfar-se no sofrimento e viabilizar a patologia.

6 Considerações Finais

Este estudo versou sobre as vivências de sofrimento de servidores assistentes em administração de uma IFES que apresentaram algum tipo de adoecimento. Entre as vivências de sofrimento, destacaram-se o estigma em atuar como servidor público, a distinção de chefias às quais os servidores estavam subordinados — sobretudo, aqueles com condutas arbitrárias e rígidas —, as influências políticas que a arena pública está susceptível, assim como as condutas patrimonialistas na instituição, a invisibilidade de suas atividades intermediárias e, um fenômeno emergente no mundo do trabalho em que a arena das IFES não está imune: a intensificação do trabalho. Face à incapacidade em lidar com diversas dificuldades laborais, os servidores removeram-se de seus setores organizacionais para outros. Alguns obtiveram êxito, ao encontrar um ambiente objetivo e subjetivamente mais favorável ao seu agir criativo no trabalho. Outros, entretanto, encontraram situações distantes de seus anseios, senão, mais perniciosas, fato que culminou no adoecimento.

Conclui-se que o sofrimento redundava em número significativo de casos em adoecimento, e que a remoção não deve ser considerada como escape absoluto. O sofrimento, além de intrínseco ao trabalho, situa-se num contexto institucional que varia de acordo com possibilidades e limites que cada ambiente (desta instituição) possa vir a subsidiar. Apesar de paliativa, a remoção enquanto instrumento institucional, não sobrepuja práticas e costumes amalgamados em tais instituições.

Referências

ALVES, G. A. P. **Trabalho e subjetividade**: o metabolismo social da reestruturação produtiva do capital. 2008. 199f. Tese de Livre-docência. Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editora, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BARROS, N. M. G. C. **Riscos de adoecimento no trabalho**: estudo com médicos e enfermeiros emergencialistas em um hospital regional Mato-Grossense. Dissertação de Mestrado. Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte, 2012.

LOUREIRO, T. *Assistentes em administração: trabalho, sofrimento e adoecimento de servidores*. R. Laborativa, v. 6, n. 2, p. 59 -79 , out./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>.

BATISTA, N. G.; FACAS, E. P. Organização do trabalho e processo de adoecimento em uma universidade do Distrito Federal. **Revista AMAzônica**, Ano 5, v. 9, n. 2, p. 86-114, Jul./Dez. 2012.

BENDASSOLLI, P. F. Reconhecimento no trabalho: perspectivas e questões contemporâneas. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 1, p. 37-46, 2012.

BOUYER, G. C. Sofrimento social e do trabalho no contexto da área: "saúde mental e trabalho". **Psicologia e Sociedade**, v. 27, n. 1, p. 106-119, 2015.

BRITO, J. C.; NEVES, M. Y.; OLIVEIRA, S. S.; ROTEMBERG, L. Saúde, subjetividade e trabalho: o enfoque clínico e de gênero. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 37, n. 126, p. 316-329, 2012.

CANIATO, A. M. P.; LIMA, E. C. Assédio moral nas organizações de trabalho: perversão e sofrimento. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 11, n. 2, p.177-192, 2008.

DEJOURS C. **Repressão e Subversão em Psicossomática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1991.

_____. **A Loucura do Trabalho**: Estudos de Psicopatologia do Trabalho. 5ª edição. São Paulo: Cortez Oboré Editora, 1992.

_____. **A Banalização da Injustiça Social**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

_____. **Conferências brasileiras**: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. São Paulo: Fundap; EAESP/FGV, 1999.

_____. A carga psíquica do trabalho. In: DEJOURS, CHRISTOPHE; ABDOUCHELI, ELISABETH; JAYET, CHRISTIAN. (Org.). **Psicodinâmica do Trabalho**: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho. São Paulo, Atlas, 1994.

_____.; ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (Org.). **Psicodinâmica do Trabalho**: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho. São Paulo, Atlas, 1994.

_____.; JAYET, C. Psicopatologia do Trabalho e Organização Real do Trabalho em uma Indústria de Processo: Metodologia Aplicada a um Caso. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (Org.). **Psicodinâmica do Trabalho**: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho. São Paulo, Atlas, 1994.

FIGUEIREDO, J. M.; ALEVATO, H. M. R. **O sofrimento no trabalho do servidor técnico administrativo de uma IFES — breve reflexão**. VIII Congresso Nacional de Excelência em Gestão, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

FREITAS, L. G. **Processo de Saúde-Adoecimento no Trabalho dos Professores em Ambiente Virtual**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília — UNB, Brasília, 2006.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Ideias & letras, 2007.

LOUREIRO, T. *Assistentes em administração: trabalho, sofrimento e adoecimento de servidores*. R. Laborativa, v. 6, n. 2, p. 59 -79 , out./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>.

GERNET, I.; DEJOURS, C. Avaliação do trabalho e reconhecimento. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. (orgs.). **Clínicas do trabalho**: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Atlas, parte II, cap. 3, p. 61-70, 2011.

KATSURAYAMA, M.; PARENTE, R. C. P.; MORAES, R. D.; MORETTI-PIRES, R. O. Trabalho e sofrimento psíquico na estratégia de saúde da família: uma perspectiva Dejouriana. **Caderno de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 414-9, 2013.

LIMA, S. C. C. O trabalho do cuidado: uma análise psicodinâmica. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 203-216, 2012.

MANCENO, D. Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 1, p.74-80, 2007.

MARTINS, J. T. **Prazer e sofrimento no trabalho do enfermeiro em unidades de terapia intensiva**: estratégias defensivas. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto, SP, 2008.

MENDES, A. M. B. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: MENDES, A. M. B. (org.). **Psicodinâmica do trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

_____. DUARTE, F. S. Mobilização Subjetiva. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Juruá: Curitiba, p. 259-262, 2013.

MERLO, A. R. C.; LAPIS, N. L. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. **Psicologia e Sociedade**; v. 19, n. 1, p. 61-68, Jan./Abr. 2007.

MERLO, A. R. C; MENDES, A. M. B. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 141-156, 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 12. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

MORGAN, G. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na Teoria das Organizações. **Revista de Administração de Empresas — RAE**. São Paulo, v. 45; ; n. 1; p. 58-71, Jan./Mar. 2005.

MORAES, R. D. Estratégias defensivas. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Juruá: Curitiba, p. 153-158, 2013.

MORRONE, C. F. **“Só para não ficar desempregado” — ressignificando o sofrimento psíquico no trabalho: estudo com trabalhadores em atividades informais**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília — UNB, Brasília, 2001.

NUNES, A. V. L.; LINS, S L. B. Servidores públicos federais: uma análise do prazer e sofrimento no trabalho. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho — rPOT**, v. 9, n. 1, p. 51- 67, Jan./Jun. 2009.

RAMMINGER, T.; CIDREIRA DE ATHAYDE, M. R.; BRITO, J. Broadening the dialogue

LOUREIRO, T. *Assistentes em administração: trabalho, sofrimento e adoecimento de servidores*. R. Laborativa, v. 6, n. 2, p. 59 -79 , out./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>.

between workers and research professionals: some research-intervention methods for the occupational health field. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 11, p. 3191-3202, Nov. 2013.

RIBEIRO, C. V. S. **Trabalho técnico-administrativo em uma Instituição Federal de Ensino Superior**: análise do trabalho e das condições de saúde. Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

_____. O Trabalho do técnico-administrativo em Instituições Federais de Ensino Superior: análises do cotidiano e implicações na saúde. **Revista Políticas Públicas**, São Luís — MA, Número Especial, p. 423-432, Outubro de 2012.

SILVA, E. P. Por uma leitura *sui generis* do sofrimento e prazer no trabalho intensificado do professor na universidade pública brasileira: articulações entre a teoria marxista da subjetividade, Psicossociologia e Psicodinâmica do Trabalho. I Congresso Internacional de Psicologia do trabalho e das Organizações, 2013, Braga. **Livro de Atas do I Congresso Internacional de Psicologia do Trabalho e das Organizações**. Braga: Aletheia/Universidade Católica Portuguesa, v. 1, p. 645-667. 2012. n. 1; p. 58-71, Jan./Mar. 2005.

_____.; HELOANI, R. Aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa em saúde mental e trabalho: reflexões a partir de uma análise comparativa do estresse em jornalistas e guardas municipais. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 10, n. 1, p. 105-120, 2007.

_____.; HELOANI, R. Traça. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Org.). **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Juruá: Curitiba, p. 433-488, 2013.

SILVA JÚNIOR, J. R. **Reforma do Estado e da educação no Brasil de FHC**. São Paulo: Xamã, 2002.

TSCHIEDEL, R. M.; MONTEIRO, J. K. Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança penitenciária. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 3, p. 527-535 Jul./Set. 2013.

VASCONSELOS, A. C. L. Ressonância Simbólica. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Juruá: Curitiba, p. 363-368, 2013.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Notas:

¹ As estratégias de defesa podem ser definidas como: “[...] recursos construídos pelos trabalhadores, de forma individual e coletiva, para minimizar a percepção do sofrimento no trabalho; funcionam através da recusa da percepção daquilo que faz sofrer. Essa eufemização do sofrimento fornece uma proteção ao psiquismo, que torna possível aos trabalhadores permanecer no plano da normalidade, a fim de continuar trabalhando” (MORAES, 2013. p.153).

² A ressonância simbólica diz respeito ao encontro entre o teatro da situação atual do trabalho e o teatro interno, herdado das experiências de vida. É a articulação da história

LOUREIRO, T. *Assistentes em administração: trabalho, sofrimento e adoecimento de servidores*. R. Laborativa, v. 6, n. 2, p. 59 -79 , out./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>.

singular do sujeito ao mundo atual e público do trabalho (BRITO, et al. 2012. p.319). Trata-se do encontro do registro do imaginário (produzido pelo sujeito) com o registro da realidade (produzido pela situação de trabalho) (VASCONCELOS, 2013).

³ Mobilização subjetiva é um processo intersubjetivo que se caracteriza por meio do engajamento de toda a subjetividade do trabalhador e pelo espaço público de discussões sobre o trabalho. Ela pode resgatar o sentido do trabalho (MENDES e DUARTE, 2013). Este processo emerge diante das exigências e constrangimentos da organização do trabalho e por isso, demanda um investimento do corpo, cognitivo e afetivo. Trata-se de um processo pelo qual o sujeito pode (se) criar, (se) inventar. A mobilização subjetiva parece evidenciar a relação entre trabalho e a constituição e afirmação da identidade. Quando existe o espaço para que ocorra essa mobilização, o Desejo e o Sujeito podem se engajar no trabalho e se reconhecerem; e serem reconhecidos; como sujeitos únicos, peças singulares sem as quais o trabalho não ganharia vida (MENDES e DUARTE, 2013).

⁴ O confronto do desejo do trabalhador com a determinação contida na organização do trabalho propicia uma carga psíquica. Morrone (2001) indica que esta carga psíquica do trabalho expressa a pressão atribuída pela organização do trabalho ao aparelho psíquico do trabalhador. Esta carga psíquica é o resultado da confrontação do desejo do trabalhador à influência coercitiva contida na organização do trabalho. Quando o trabalho está alinhado às necessidades e desejos psicológicos do indivíduo, ele permite a diminuição da carga psíquica e o livre funcionamento do aparelho psíquico, tornando-se assim, fonte de gratificação psíquica e de prazer (MORRONE, 2001). Porém, quando o trabalho impossibilita a gratificação dos desejos do trabalhador, resulta em bloqueio ou acúmulo de energia psíquica, tornando-se fonte de tensão e sofrimento (MORRONE, 2001).

⁵ Há outros dois tipos de alienação, segundo o autor: alienação mental e alienação cultural (SIGAUT, 1990, apud DEJOURS, 1999. p.72).

⁶ As condições de trabalho são compreendidas como características relacionadas ao conteúdo ergonômico do trabalho, como as exigências físicas, químicas e biológicas, assim como as condições de higiene, segurança e características antropométricas do ambiente de trabalho (DEJOURS, 1992). Entende-se a organização do trabalho como a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, as modalidades de controle e comando, o sistema hierárquico, as relações de poder, as questões de responsabilidade, a definição de cadências e o modo operatório prescrito (KATSURAYAMA et al., 2013). A organização do trabalho possui maior influência sobre o aparelho psíquico do trabalhador. A heterodeterminação das regras concretiza a vontade do outro; da instituição, que pode se opor aos desejos do trabalhador, impedindo-o de ser sujeito de seus desejos e de suas necessidades (MORRONE, 2001).

Para Dejours (1992) mesmo as más condições de trabalho são, no conjunto, menos preocupantes que a organização do trabalho rígida e irredutível, na medida em que esta situação não abre espaço para que o sujeito trabalhador possa buscar uma adaptação do trabalho ao seu estilo de personalidade e nem ao seu estilo físico.

Artigo apresentado em: 06/01/2017
Versão final apresentada em: 07/09/2017
Aprovado em: 11/09/2017